Mulheres e florestas: um estudo sobre comunidades tradicionais no Parque Estadual da Serra do Mar, Núcleo Santa Virginia (PESM-NSV), estado de São Paulo, Brasil

Women and Forests: a study of traditional communities in the Parque Estadual da Serra do Mar, Santa Virginia Unit (PESM-NSV), São Paulo State, Brazil

Solange T. de Lima Guimarães

Geógrafa, Livre-docente em Interpretação e Valoração de Paisagens
Docente dos cursos de Graduação em Geografia e Engenharia Ambiental e do Programa de Pós-Graduação em Geografia, IGCE/UNESP, campus de Rio Claro (SP)

hadra@uol.com.br

RESUMO

O cenário paisagístico natural do PESH-NSV abarca áreas florestais de Mata Atlântica, em suas diferentes formações, além de mananciais e recursos hídricos a serem protegidos, sendo o PESH considerado área de Reserva da Biosfera. Já o cenário cultural abriga a paisagem construída e o patrimônio imaterial das comunidades tradicionais de caipira¹, apresentando historicidade específica quanto a sua origem e identidade, modo de vida, organização social e ocupação geográfica dos seus espaços e construção de suas territorialidades. O estudo foi delineado com base na gestão de recursos hídricos e florestais alinhadas aos preceitos da Agenda 21, no que tange à “*Análise das relações estruturais entre relações de gênero, meio ambiente e desenvolvimento*”. Em relação à construção do referencial teórico, nos baseamos na análise da multifuncionalidade e multidimensionalidade da paisagem. A mulher emerge não somente como mediadora, mas como sujeito proativo e proambiental, liderando mudanças sociais em suas comunidades, mediante a inserção socioeconômica destas populações nas atividades do PESH-NSV, propiciando a valoração da paisagem como herança, o resgate dos significados das identidades culturais e territoriais, do etnoconhecimento, através dos saberes e práticas tradicionais, no sentido de viabilizar o desenvolvimento territorial sustentável.

Palavras-chave: Gestão de Recursos Hídricos e Florestais. Agenda 21. Educação Ecológica. Parque Estadual da Serra do Mar. Comunidades Tradicionais. Gênero Feminino.

ABSTRACT

The natural landscaped setting of PESH-NSV includes forest areas of the Atlantic Forest, in its different formations, besides spring water and water resources to be protected, being the PESH considered as an area of Biosphere Reserve. In the cultural setting it includes built landscape and intangible heritage of traditional communities of caipiras*, presenting historical specificity regarding their origin and identity, way of life, social organization and geographical occupation of their spaces and construction of their territoriality. The study was designed based on the management of water and forest resources aligned with the principles of Agenda 21, regarding the "Analysis of the structural links between gender relations, environment and development". Regarding the construction of the theoretical framework, the basis were the analysis of multifunctional and multidimensional landscape. Therefore, in this landscape, the woman emerges not only as a mediator, but also as the proactive subject and pro-environment, leading social changes in their communities, through the socioeconomic insertions of those populations

¹Segundo o Instituto EcoBrasil, “O termo caipira origina-se do tupi “ka'apir” ou “kaa-pira”, que significa "cortador de mato", sendo o nome que os indígenas guaianás, no interior do estado de São Paulo, deram aos colonizadores. Trata-se “também de uma designação genérica dada, no país, aos habitantes das regiões situadas principalmente no interior do sudeste e centro-oeste do país [...]. Entende-se por “interior”, todos os municípios que não pertencem às grandes regiões metropolitanas nem ao litoral. O termo caipira teve sua origem e costuma ser utilizado com mais frequência no estado de São Paulo”.

(<http://www.ecobrasil.org.br/publicue/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=338&sid=59>)

in these visitation activities of the PESM-NSV, and also in the recovery of cultural traditions, the rescue of the meanings of cultural and territorial's identities, the ethno-knowledge through the traditional knowledge and practices, in order to enable sustainable territorial development.

Keywords: Water Resources and Forests Management. Agenda 21. Ecological Education. Parque Estadual da Serra do Mar. Traditional Communities. Female Gender.

1. INTRODUÇÃO

O futuro é construído pelas nossas decisões diárias, inconstantes e mutáveis, e cada evento influencia todos os outros. (TOFFLER, Alvin).

Este artigo se originou de discussões e reflexões derivadas de um conjunto de pesquisas, trabalhos de campo, inventários paisagísticos, visitas técnicas etc., de caráter interdisciplinar, durante o período de 2010-2014, desenvolvidas pelo Laboratório de Interpretação e Valoração Ambiental, do Depto. de Geografia, Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Rio Claro, em cooperação com o Instituto Florestal do Estado de São Paulo, junto ao Parque Estadual da Serra do Mar (PESM), Núcleo Santa Virginia (NSV). (BUSSOLOTI, 2012; LIMA-GUIMARÃES, 2010; 2013), estado de São Paulo (SP), Brasil. Alguns dos questionamentos surgidos, se deram em razão dos papéis culturais, socioeconômicos e ecológicos das mulheres envolvidas com as várias dimensões da paisagem florestal, sob o aspecto das experiências vivenciadas no cotidiano e a intencionalidade de suas atitudes e condutas relacionadas à proteção ambiental.

A área do NSV abarca áreas florestais de Mata Atlântica, em suas diferentes formações, além de recursos hídricos, a serem protegidos não somente pelas suas características quantitativas referentes aos serviços ecossistêmicos como também pela relevância estética de seus recursos paisagísticos naturais a exemplos de rios meândricos, trechos de corredeiras e cachoeiras, em um cenário de mares de morros, sendo também o PESM considerado Reserva da Biosfera. (SÃO PAULO, 2006a). Já o cenário cultural abriga a paisagem concernente ao patrimônio das comunidades tradicionais caipiras*, das antigas fazendas cafeeiras do Vale do Paraíba e dos caminhos históricos dos tropeiros para Minas Gerais e o litoral norte de São Paulo e sul do Rio de Janeiro, apresentando historicidades específicas quanto às suas origens, identidades culturais e modos de vida, multifuncionalidades e multidimensionalidades paisagísticas, construção de territorialidades materiais e imateriais que se transformaram ao longo das épocas.

No período mencionado, foram realizados diagnósticos da paisagem que detectaram entre outros aspectos socioecológicos, vários níveis de inserção e/ou exclusão socioeconômica das comunidades tradicionais ou de habitantes das áreas e entorno, fatores relativos aos modos de adaptação às mudanças e graus de resiliência destas populações; às carências e deficiências de

estruturas e infraestruturas básicas locais e regionais; conflitos respectivos à regularização da malha fundiária; uso e extração ilegais de recursos de fauna e flora; reconhecimento e legitimação das formas tradicionais de conservação e manejo dos recursos naturais; ações pontuais no sentido da conservação/preservação da biodiversidade; expansão da área florestal, deterioração e falta de estudos e mapeamentos dos sítios arqueológicos, visitação turística e uso público, levando tanto a algumas distorções perceptivas e valorativas, como a conjunções e consensos mais favoráveis, relacionadas à utilização dos recursos paisagísticos naturais e culturais.

Entretanto, no desenvolvimento da análise da paisagem, algumas variáveis referentes aos indicadores de qualidade ambiental e de vida das comunidades existentes na área interna, de entorno e amortecimento do PESM-NSV, podem representar riscos efetivos e potenciais para a implementação e desenvolvimento de programas institucionais, exigindo uma gestão integrada e participativa e, portanto, comunitária, em todas as suas etapas, compreendendo o estabelecimento de parcerias cooperativas, seleção de diretrizes e estratégias conservacionistas, visando à proteção da paisagem e de seus componentes, entendida aqui como *espaço* e *mundo vivido*, numa perspectiva fenomenológica (BUTTIMER, 1985; FRÉMONT, 1980), desdobrando-se em lugares de coexistência e convivência, segundo as intencionalidades e reciprocidades.(BUBER, 2004; GUIMARÃES, 2007).

2. O ESTUDO DE CASO: MULTIDIMENSIONALIDADE E MULTIFUNCIONALIDADE DA PAISAGEM

Multiplés sont les modalités sous lesquelles la réalité géographique conduit, par le symbole et ses images, à un au-delà de la matière. (DARDEL, 1952, p. 51)

O estudo foi delineado com base na gestão de recursos florestais alinhadas aos princípios da Agenda 21, no que tange à “*Análise das relações estruturais entre relações de gênero, meio ambiente e desenvolvimento*”. (BRASIL, 1995). A perspectiva elegida considerou que o gênero feminino está relacionado em diversos tópicos da Agenda 21, principalmente naqueles referentes às “*Áreas que exigem ação urgente*”. Também consideramos o item “*Pesquisa, coleta de dados e difusão da informação*”, tendo em vista que a realização de pesquisas participantes, elaboração de diretrizes de políticas públicas sensíveis às questões de gênero, mais os saberes, experiências e o *savoir-faire* das mulheres diante da conservação e manejo dos recursos naturais, tornam-se fundamentais para o cumprimento dos propósitos estabelecidos no Plano de Manejo do PESM-NSV.

Estes pontos se revestem de caráter especial no que concerne ao Programa de “Uso Público” e subprogramas “Visitação e Turismo Sustentável” e “Educação Ambiental” desta unidade de

conservação (UC), visto abrangerem além dos aspectos educativos, interpretativos e recreativos, aqueles referentes aos vetores de desenvolvimento local e regional, ao subsidiarem políticas públicas no âmbito municipal e estadual e outras iniciativas por parte de Organizações Não-Governamentais (ONGs). (SÃO PAULO, 2006a). Ainda nos fundamentamos na Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000, que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC); no Decreto nº 51.453, de 9/12/2006, Criação do Sistema Estadual de Florestas (SIEFLOR); e na Resolução nº 59, de 27/08/2008, que regulamenta os procedimentos administrativos de gestão e fiscalização do uso público nas Unidades de Conservação de Proteção Integral do Sistema Estadual de Florestas do Estado de São Paulo. (BRASIL, 2000; SÃO PAULO, 2006b; 2008). Para informações sobre o PESM-NSV, também utilizamos o Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Mar – Núcleo Santa Virginia (SÃO PAULO, 2006a; 1998), e outros trabalhos acadêmicos, no sentido da atualização das informações. (Figura 1).

Figura 1 - Localização do Parque Estadual da Serra do Mar, Núcleo Santa Virginia.
Fonte: São Paulo (2006a).

Em relação à construção do referencial teórico, nos baseamos na análise da multidimensionalidade da paisagem apresentado por Naveh (2001; 2004), mediante uma visão holística envolvendo sistemas multifuncionais, formando assim um mosaico, uma rede de interação estruturada hierarquicamente em diferenciadas escalas e apresentando complexidade de padrões e processos. Estes, por sua vez, resultam ainda no aumento crescente de suas funções, fato que nos leva a uma compreensão geo-histórica, sociocultural e socioecológica, possibilitando um entendimento mais profundo dos processos de valoração integrado às funções estéticas, éticas e

intrínsecas de uma paisagem, como pontes tangíveis entre a mente humana (noosfera) e a Natureza (biosfera, geosfera, etc.). De acordo com Naveh (2004, p. 475):

In accordance with this holistic paradigm shift, humans are not apart from nature or even above nature, valuing only its instrumental functions, but they are *integral parts of nature*. They should therefore not be considered as external, “disturbance” factors or be modeled in these landscapes merely as socio-economic factors. Instead, *human aspects and dimensions have to be treated as an intrinsic part of landscape processes and functions*. As such these functions should also be holistically assessed and utilized for the sake of both natural and human systems.

Nesta perspectiva, consideramos as paisagens do PESM-NSV em seus aspectos interativos e suas complexas e imbricadas correlações, resultantes da interatividade de seus processos e os distintos dimensionamentos, observando algumas configurações materializadas de modo espaciotemporal e refletidas em suas funções, enfatizando uma conotação polissêmica, holística e tangível (NAVEH, 2010; 2007). Para o autor, uma teoria que priorize o holismo existente nas paisagens deve ser fundamentada em uma visão sistêmica e transdisciplinar, envolvendo uma complexidade organizada, auto organizada e em coevolução na Natureza e nas sociedades humanas:

This view of multidimensional and multifunctional landscape complexity is embedded in the web of life in its totality. It has emerged from the recognition that humans are not apart from nature or even above nature. They form together with their total environment an indivisible and coherent co-evolutionary geobio-anthropological entity. We have called this social-ecological supersystem the Total Human Ecosystem (THE), and regard it as the highest level of the global ecological hierarchy, above the natural ecosystem level. (NAVEH, 2010, p.75).

Neste caso, as dez premissas básicas apresentadas por Naveh (2000b, p. 29-38) para uma análise holística e multifuncional da paisagem contribuíram para uma melhor apreensão do sentido e dos significados dos cenários naturais e culturais do PESM-NSV e do seu histórico, na dimensão de suas multifuncionalidades, ao considerarmos suas paisagens como um sistema ecológico tridimensional e concreto, que é mais do que a somatória de suas partes, logo, contendo mais informações do que a soma dos seus componentes mensuráveis, atendendo assim às suas propriedades de sistemas organizacionais emergentes.

Deste modo as paisagens multifuncionais do PESM-NSV foram consideradas como sistemas mistos – naturais-culturais – de interação com os componentes, padrões e processos multidimensionais intimamente entrelaçados, tanto da biogeosfera como pelos processos mentais cognitivos de origem noosférica, transmitidos por meio de informações culturais, com efeitos recíprocos significativos e importantes para as sociedades humanas. (NAVEH, 2000a). De acordo com Naveh e Lieberman (1994), a multifuncionalidade da paisagem inclui três domínios: o bioecológico, o socioeconômico e o socioecológico e cultural (estes relacionados à qualidade de

vida), sendo que, especificamente, em relação ao último domínio, sua percepção cria as relações recíprocas exclusivas entre a sociedade e as paisagens, de maneira que os seres humanos são, simultaneamente, os próprios efeitos e os afetados, influenciando aspectos referentes à consciência, atitudes e valores, considerando que as informações sobre a percepção da paisagem multidimensional são transmitidas por “modelos culturais” de geração a geração, como uma herança.

Atentando ao referencial legal e técnico-científico, na primeira etapa da pesquisa foram realizados diagnósticos paisagísticos sazonais, como também a construção de um banco de imagens fotográficas das transformações paisagísticas na área de estudo ao longo do período, a partir dos pontos selecionados em razão de seus valores ecológicos, arqueológicos, geo-históricos, estéticos. Elucidamos que a coleção de fotografias apresenta conteúdos respectivos aos indicadores ambientais positivos e/ou negativos, documentando cenas e fatos cotidianos, correlacionados ou não à sazonalidade, em seus aspectos socioeconômicos e socioecológicos, constituindo um acervo relevante sobre a memória do PESM-NSV.

Como uma das produções resultantes, o estudo de Lima-Guimarães (2013) sobre valoração subjetiva da paisagem relacionada ao uso público do NSV, também contribuiu como um dos subsídios para a criação do Caminho Turístico Catuçaba-Santa Virginia, em 2014, ligando este Núcleo ao distrito de Catuçaba, município de São Luiz do Paraitinga (SP), um dos principais redutos da secular cultura caipira paulista com suas tradições materiais e imateriais, a exemplo de festas, alimentação, folclore, etc. O Caminho Turístico Catuçaba-Santa Virginia representa alternativas de atividades turísticas que poderão ser exploradas de vários modos, sob o enfoque da relevância e visibilidade dos atrativos de seus cenários rurais, naturais e rurbanos, bem como possibilitando novas viabilidades quanto ao desenvolvimento de ações socioeconômicas, ao induzirem à geração de novas fontes de renda a partir de uma rede de turismo solidário e sustentável, fortalecendo suas estruturas e infraestruturas organizacionais, influenciando o desenvolvimento local e o modo de vida das comunidades.

A criação dos caminhos turísticos no entorno do PESM-NSV (Quadro 1) possibilita um aproveitamento e valorização de antigas estradas e servidões de passagem, cooperando direta e indiretamente, para a conservação e recuperação dos recursos paisagísticos naturais e culturais, considerando tanto a capacidade de suporte dos ecossistemas quanto a capacidade de resiliência de suas paisagens e as formas de manejo mais adequadas para os objetivos propostos. Por outro lado, a manutenção destes recursos necessita de projetos de cooperação socioeconômica em função de modalidades de turismo distintas e compatíveis com a região, ao se caracterizarem como polinucleares e multipolares, favorecendo desta maneira tanto a dispersão de atividades e atrativos

em um dado local, como a existência de múltiplas atividades turísticas. (LOZATO-GIOTART, 2008).

Ainda, a demarcação destes caminhos abre perspectivas tanto de acesso e mobilidade às comunidades locais e aos visitantes, como também condições para um desenvolvimento territorial rural sustentável e solidário, segundo Jean (2010), que para se constituir de modo legítimo deve reconhecer:

- (i) a utilização de um sistema de governança rural; (ii) o reconhecimento das multifuncionalidades dos territórios rurais; e (iii) a definição de uma política rural baseada nas capacidades de aprendizagem dos camponeses, na interdependência e na solidariedade rural-urbana, e na ‘consolidação das capacidades de desenvolvimento’ das comunidades rurais. (JEAN, 2010, p. 50).

Quando consideramos as premissas propostas por este autor (2010) para o desenvolvimento territorial, entendemos que as redes socioeconômicas urbanas, rurais e rurbanas locais estejam em interação, de tal modo que o direcionamentos de suas multifunções e funções dominantes sejam compatíveis com as áreas de entorno e amortecimento da unidade de conservação (UC), colaborando efetivamente para que os sistemas bioecológico (ecossistemas); socioecológico-cultural (qualidade ambiental e de vida) e socioeconômico (processos econômicos), sejam mantidos em equilíbrio ou em condições aceitáveis de interferência antropogênica. (NAVEH, 2001; 2004). Esta conjuntura visa garantir o desenvolvimento das atividades que dependem das características do meio ambiente, uma vez que o conceito de *função* nestes casos encontra-se correlacionado às análises e avaliações ecológicas. (DE GROOT, 1992).

Também o enfoque de Jean (2010) sobre desenvolvimento rural sustentável abrange a visão da multifuncionalidade dos territórios rurais, compreendendo: (I) função de produção; (II) função territorial; e (III) função social, que ao apresentarem uma integração ao desenvolvimento das comunidades rurais, devem fundamentar-se “numa tripla harmonização: as oportunidades econômicas, as coações ambientais e a aceitabilidade social”. (JEAN, 2010, p. 61). Estas condições assegurariam revitalizações sustentáveis na paisagem rural, abarcando o envolvimento das próprias comunidades em relação à vitalidade social; à viabilidade econômica local, e à validação ecológica destes sistemas, levando, portanto, a “formas de produção social que sustentam o desenvolvimento das regiões”.

No estudo de caso do PESM-NSV, esta multiplicidade de funções, passa a agregar simultaneamente as funções bioecológica, socioeconômica, socioecológica e cultural às três anteriores, propostas por Jean (2010), de modo a proteger suas paisagens e seus recursos naturais. Este alinhamento de multifuncionalidades necessita ainda, levar em conta os sistemas produtivos locais, a transformação espaciotemporal das dinâmicas territoriais regionais, os gradientes de riscos e impactos nas comunidades e no meio ambiente, níveis de resiliência paisagística e social, assim

como as influências fundadas na reciprocidade e complementaridade entre estes diferentes aspectos, na solidariedade das redes desenvolvidas, na combinação de variáveis espaciotemporais, e na valoração efetiva ou potencial dos recursos ambientais (naturais e culturais) existentes, de modo a abranger suas multidimensionalidades. (GUIMARÃES, 2007; 2011; LIMA-GUIMARÃES, 2013).

Quadro 1 - Imagens do Caminho Turístico Catuçaba-Santa Virgínia, sentido PESM-NSV/distrito de Catuçaba, São Luiz do Paraitinga (SP), destacando cenários naturais e culturais (habitações rurais tradicionais paulistas do período cafeeiro) de relevância histórica, ecológica, turística.

Fotografias: Solange T. de Lima Guimarães, 2012; 2013 e 2014.

3. BUSCANDO SIGNIFICADOS E RECONHECENDO UMA PAISAGEM VIVIDA...

Pienso que la acción y la reflexión deben ir unidas. No hay una ideología perfecta, es simplemente una política de responsabilidad. La diversidad no es el problema, es la solución para las crisis políticas de la intolerancia, las crisis ecológicas de la no sostenibilidad y las económicas de la exclusión y de la injusticia". – Vandana Shiva apud Torres (2012)

Diante da pluralidade e dinamismo dos cenários paisagísticos observados no PESM-NSV, e levando em conta as especificidades da área de estudo e sua recuperação e revitalização tendo como ponto de partida o Caminho Turístico Catuçaba-Santa Virginia, no desenvolvimento das etapas posteriores dos trabalhos, elegemos para as entrevistas os procedimentos metodológicos etnográficos, escolhendo a história de vida (SIMSON, 1997; 2003), como opção que nos permitiria maior riqueza de informações, dando sentido às vozes e às memórias, no relembrar das histórias *sobre e com* a floresta pelas mulheres da comunidade, nos ensinando um *saber escutar*, estabelecido em uma relação dialógica, de reciprocidades e respeito às alteridades, e aos aspectos condizentes à interculturalidade. (BUBER, 2004).

O grupo de entrevistadas foi selecionado a partir de um convite para participarem de nossa pesquisa, perfazendo 09 mulheres que responderam afirmativamente, de 15 convites feitos, portanto, não se tratou de uma amostragem de base quantitativa, mas fundamentada na pesquisa qualitativa, na forma de um estudo de caso etnográfico. Nomeamos estas como *olhar de mulher*, acrescentado do número indicativo, visto que a ideia era recuperar percepções e interpretações que considerassem a geração/apreensão de imagéticas, partindo da memória de suas experiências e vivências, preservando suas identidades, todavia, enfatizando a questão do *feminino como olhar mediador*, ao ressignificarem a paisagem florestal e seus elementos componentes, como cenários de suas histórias de vida, numa recriação de seus próprios lugares, possibilitando novas compreensões e leituras das multifuncionalidades e multidimensionalidades da paisagem anfêmera.

Também escolhemos as diretrizes da pesquisa participante (BRANDÃO, 1985;1987), considerando a atuação interativa do nosso grupo de pesquisas em campo durante o período de 2010 a 2014, bem como a sua continuidade em 2015, por meio de nossas avaliações e intervenções de natureza qualitativa, considerando a responsabilidade e os compromissos sociais com a comunidade, destinando-se a programas de educação ecológica, oficinas de percepção e interpretação ambiental, rodas de conversa sobre valoração subjetiva/objetiva da paisagem do PESM e entorno. Partíamos de vínculos pessoais construídos durante o tempo da pesquisa, com várias mulheres destas comunidades: não éramos mais os *estranhos*, mas aqueles que estas reconheciam como amigos, em relações face à face, marcadas pela cordialidade. Por conseguinte, não havia a necessidade de uma fase de contatos iniciais (*quebra-gelo*), pois a hospitalidade e o

acolhimento eram efetivos em nossos trabalhos de campo, facilitando as relações dialógicas nas situações do dia a dia, compreendendo na perspectiva de Buber (2004), uma comunicação no sentido da “*entreidade*” (*betweenness*), abarcando a reciprocidade, a presença, a imediatez e a responsabilidade.

Já a abordagem fenomenológica merleau-pontyana permitiu compreender que o comportamento não é a somatória de reflexos, surgindo, entretanto, como um conjunto de reações significativas, sendo a intencionalidade associada à noção de campo perceptivo situacional, permitindo uma dimensão existencial respectiva às percepções e vivências. (MERLEAU-PONTY, 1991; 1992; 1994; 2000). Nesta ótica, portanto, interessava-nos a *entreidade do olhar feminino* em relação à corporeidade e à paisagem, a partir dos relatos que continham as expressões de suas geografias (DARDEL, 1952), expandindo os significados de seus lugares ao abranger as suas relações experienciais e existenciais:

a experiência ambiental nos induz à reflexão da existência destes espaços e lugares, pois as paisagens circunscritas aos mesmos, envolvendo nossas vidas e ancorando recordações, encontram-se impregnadas de significados. Estes são renovados a cada experienciar, redefinidos sob planos de representações variadas, resultantes do próprio espírito humano: inquiridor, descobridor, criativo e imaginante. (LIMA, 1996, p. 15).

Neste contexto, durante o período de escuta das histórias de vida, obtivemos elementos importantes para a compreensão das percepções e representações sobre o PESM-NSV e suas áreas de entorno, vista que este tipo de estudo propiciou um contato mais direto e intenso com as realidades vivenciadas por estas mulheres de diferentes idades, culturas e origens, dando visibilidade à interatividade de processos antes não percebidos, não valorados, não refletidos, resultando em percepções fragmentadas e/ou desconexas. A cada processo de lembrar/relembrar a vida na região do PESM-NSV, era um momento de compartilhar/comparar visões de mundo, num desdobramento de paisagens interiorizadas – os lugares da memória, marcados por significados inerentes à topofilia ou à topofobia. (TUAN, 1977; 1979).

De acordo com Simson (2003, p. 17): “Esse mergulhar conjunto e compartilhado no passado nos faz emergir mais conscientes quanto aos problemas contemporâneos da vida da comunidade estudada e geralmente nos conduz naturalmente a ações conjuntas e politicamente conscientes visando sua superação.” A análise destes processos nos permitiram imersões significativas na paisagem vivida pelas mulheres, propiciando novas percepções ambientais e por decorrência, de novos componentes cognitivos, afetivos, interpretativos e valorativos, considerando que o ambiente é organizado como um conjunto de imagens mentais, que podem ser modificadas, alteradas em maior ou menor magnitude. (ITTELSON, 1978; ITTELSON et al., 1974).

Mediante as histórias de vida, constatamos a atribuição das marcas valorativas da comunidade na paisagem e em seus lugares, reconhecendo como a paisagem passa a marcá-la simultaneamente também, de modo que a identidade pessoal mescla-se à identidade paisagístico-territorial, num reencontro do sentido de pertencimento ao lugar, aqui tomado na concepção de Tuan (1977), pois os laços que ligam os seres humanos às suas paisagens, são formados por espaços vivenciados sob uma multiplicidade de modos imediatos ou não, em diversos níveis de interpenetração e interação. (BERTRAND apud ROUGERIE; BEROUTCHACHVILI, 1991). Por intermédio das experiências *com* e *na* paisagem codificamos e decodificamos nossas realidades espaciotemporais, e esta vai servindo de cenário aos fatos ocorridos durante o histórico de cada vida, fragmentando-se em paisagens da memória e reais, desdobrando-se em territórios descontínuos porque interiorizados, em imagens fragmentadas pela rememoração, enquanto significarem marcos resistentes nos processos de memória e lembrança individuais e coletivos. (LIMA, 1996).

Por conseguinte, sobre as experiências relacionadas ao meio ambiente, histórias de vida, leitura e atribuição de significados à paisagem, podemos afirmar que; “os estudos perceptivos com foco conceitual plural comparecem neste momento no intuito de possibilitar a compreensão espacial sequencial da realidade vivenciada e permitir a legibilidade dos laços emotivos e culturais que as pessoas que usufruem do espaço criam com tal lugar.” (BASTIDAS, 2013, p. 2). Esta relação de intimidade com a paisagem não é apenas constituída pela materialidade de um espaço correspondente a uma região ou a um território, mas “*o que*” este espaço significa para as pessoas arraigadas às suas territorialidades, sendo definida, sobretudo, por campos de correlações subjetivas concernentes à percepção e interpretação de suas representações. (ROUGERIE; BEROUTCHACHVILI, 1991). Destarte, a atribuição de significados às representações paisagísticas envolve um caráter que “*nécessite d’assumer et d’intégrer des approches multiples [...] Opérations mentales qui ne sont pas seulement des représentations mais aussi des choix et des décisions*” (ROUGERIE; BEROUTCHACHVILI, 1991, p. 260).

Ainda nesta etapa, considerando o valor das representações da paisagem, trabalhamos com a elaboração de mapas afetivos sobre a floresta, resultando em desenhos detalhados, significativos quanto aos processos cognitivos, perceptivos e interpretativos concernentes aos lugares onde habitam e trabalham. (Quadro 3). Para tanto, nos fundamentamos em Jodelet (1984; 2001), na teoria das representações sociais e na metodologia de Milgram e Jodelet (1976) proposta para os mapas mentais. Jodelet (2009, p. 695-696), ao analisar as representações sociais de indivíduos e dos grupos “localizados em espaços concretos de vida”, afirma que devemos ultrapassar a simples “descrição de estados representacionais”, definindo “as modalidades de uma ação transformadora, [...] que delimita as esferas ou universos de pertença das representações”. No que tange às suas gêneses e

funções, estas podem relacionar-se com três esferas de pertencimento, a saber: a da subjetividade, da intersubjetividade e da transubjetividade. Para a autora, “a pertença social” pode ser definida em níveis variados: “o do lugar na estrutura social e da posição nas relações sociais, o da inserção nos grupos sociais e culturais que definem a identidade, o do contexto da vida onde se desenrolam as interações sociais, o do espaço social e público.” (JODELET, 2009, p.696).

No caso das mulheres de nosso estudo, elas elaboraram seus mapas mentais afetivos expressando os aspectos contextuais de suas rotinas diárias, abarcando processos cognitivos, afetivos e inter-relacionados às suas próprias experiências vividas e pertencimento, considerada as esferas da subjetividade e da intersubjetividade e, posteriormente, relatando suas próprias interpretações ao grupo, compartilhando pontos-de-vista, contribuindo para uma acuidade perceptiva mais refinada quanto à abrangência de elementos constituintes. Em seus desenhos, alguns componentes da Natureza sempre se destacaram em relação a outros, sendo as árvores as principais representações da floresta, seguidas da estrada referente ao Caminho Turístico Catuçaba-Santa Virginia (Quadro 2). *Árvore* e *caminho*, metáforas para as vidas destas mulheres, concretudes presentes tecendo as realidades das práticas de subsistência e conservação, dos graus de resiliência e adaptação de suas comunidades a uma paisagem que, em sua historicidade, nem sempre representou a qualidade ambiental e de vida para a biodiversidade e a pluralidade cultural, mas a deterioração e o declínio das condições geo-históricas e socioculturais.

Quadro 2 - Exemplos dos desenhos referentes aos mapas mentais afetivos, evidenciando-se os elementos representativos da biofilia e topofilia, destacando-se aspectos paisagísticos naturais e construídos, além do registro escrito da percepção de temperatura (calor) na mata, no desenho à direita.

Fotografias: Solange T. de Lima Guimarães, 2013.

Quanto a estes aspectos socioecológicos e culturais, destacamos que esta mesma paisagem foi no passado muito mais um lugar marcado pela expropriação e a exclusão de suas culturas tradicionais, refletindo complexas hierarquias territoriais de poder econômico e político, com suas políticas intencionais decorrentes do seu histórico, visto que antes da criação do PESH-NSV, eram fazendas de café e pecuária que dominaram por séculos o cenário de São Luiz do Paraitinga e

DOI: 10.5752/P.2318-2962.2014v24n42p249

região, não havendo quaisquer preocupações com a proteção do meio ambiente, tanto em relação à diversidade biológica, ou quanto aos rios e nascentes, entre outros aspectos. Ainda hoje, vemos os testemunhos do desmatamento da época do apogeu da cafeicultura regional na paisagem natural, bem como da criação de gado com a plantação de pastagens artificiais, gerando impactos adversos até o presente quando não observadas as medidas de recuperação, contenção e mitigação nestas áreas, considerando-se suas vulnerabilidades naturais e sociais, pautadas sob um enfoque das intersecções e interações dos sistemas ambientais complexos.

Também as interpretações de cada mapa mental afetivo compartilhadas com o grupo revelaram sentimentos e emoções tofólicas e biofólicas a respeito da Mata Atlântica (Quadro 3), mesmo quando mencionavam a existência do perigo dos animais peçonhentos ou avistamentos de felinos ou outros animais, atenuando situações relacionadas à topofobia. A biofilia foi expressa no “*viver com a floresta*”, numa relação de aprendizados cotidianos, expressos pelas adaptações e pelas afeições que afloram a cada momento, motivadas ou não por um acontecimento ainda que banal; enquanto a topofilia se manifestou no “*viver na e da*” Mata Atlântica, como espaço e mundo vivido. Aqui podemos lembrar Dardel (1952, p. 41) que afirma: “le paysage est un ensemble: une convergence, un moment vécu. Un lien interne, une ‘impression’, unit tous les elements”, pois não se restringe apenas a um meio, ao expandir-se em significados, incorporando o sentido de fonte, nutriz e substrato dos processos da vida, das relações existenciais entre os seres humanos e a Terra. (LIMA, 1996; GUIMARÃES, 2007).

Durante as rodas de conversas em que elas interpretaram seus mapas e associaram suas lembranças aos lugares, a relação dialógica favoreceu a apreensão e a construção de novos saberes, numa coprodução e compartilhamento de conhecimentos, combinando as informações empíricas às técnico-científicas, auxiliando na compreensão dos conceitos de *conservação* e *preservação* relativos à biodiversidade sob um olhar cultural feminino – *olhar de mulher* –, bem como das necessidades da proteção destes sistemas ambientais em interatividade, dos recursos naturais existentes no PESM-NSV e seu entorno, contribuindo para uma visão renovada da área, já não mais proibitiva, mas embora restritiva, percebida por intermédio de seus valores de uso, conveniência, herança e moral ou existencial. (GUIMARÃES, 2012).

Ainda observamos que a interatividade do grupo a partir dos temas de interesse comum, conduzia a uma resignificação de suas práticas no sentido pró-ambiental, uma vez que ao modificarem suas percepções da floresta e de seus recursos, um novo horizonte se abria no contexto organizacional comunitário, ampliando os níveis de entendimento e de desenvolvimento da autonomia em relação às perspectivas de seus próprios papéis e das outras mulheres, das expectativas correlacionadas à floresta como um sistema socioecológico complexo. Neste âmbito, tomavam consciência de que deveriam atuar de modo cooperativo, viabilizando ações contínuas,

assumindo uma contribuição e responsabilidade efetivas em conjunto, por meio de uma governança legitimada (ROSENAU, 2000), na busca de melhores alternativas e resultados eficazes para os problemas e conflitos derivados da gestão e manejo da UC e de suas áreas de entorno. Ao observarmos que novas representações sociais eram reveladas, agora não somente compartilhadas, mas construídas por todo o grupo de mulheres, notávamos que partiam dos seus sistemas de valores referenciais, reforçadas por posicionamentos de consensos ou objeto de reflexões e discussões, quando marcadas por conflitos dissensuais. (SELMAN, 1980).

Quadro 3 - Algumas das interpretações sobre viver *na* e *da* floresta sob o *olhar* feminino.

Eu vi pela primera vez, devagarinho a onça pintada com filhote bebericando na margem do Paraibuna. Memo que senti poco de medo, fiquei espiando de um jeito bem quieto. Era bonito que nem só ve ela e a cria...A gente aprende a gostar dos bichos aqui. (*olhar de mulher 1*).

Tamanduá?! Vi quando era criança, uma vez só. O pai contava história do abraço do tamanduá que podia matá e a gente ficava creditando. Depois, já crescida vi que era tudo invencionice da cabeça dele porque o tamanduá ficava bem era escondido, quieto na mata, comendo formigão. Na mata só! Como a minha amiga disse, e é bem verdade, se aprende a querer bem tudo o que é bicho daqui: tamanduá, passarinhos, macuco, jacu, onça, lagarto e até cobra das urutu! Tudo tem seu sentido e sua serventia. (*olhar de mulher 2*).

Viver aqui? Pode imaginá vida mais dura e mais bonita? É as duas coisas junto. Sempre! Tem difeurdades como tudo no mundo, mas tem lá suas alegrias e benefícios...A gente que é mulher sabe sentí estas coisas de jeito diferente, é dentro e fora do corpo da gente que a floresta existe. Minha avó me ensinava muitas coisas desta mata – como procura planta para curar doenças, para benzê a casa, despois minha mãe e agora chegô a minha vez de passa adiante... (*olhar de mulher 4*).

O que mais gosto? Gosto de tudo que tem e vive aqui: árvre, animal, floresta, palmeira. A mata ensina uma porção de coisa para nós, e se vive com ela, dentro dela. Gosto das flor também, e quando dá floradas, os morros ficam bonitos que nem não sei o quê. Parece que enfeitaram com renda de flor. O mundo fica mais alegre. (*olhar de mulher 5*).

Floresta de Mata Atlântica é como si fosse minha própria casa. Vivo aqui nela e já não sou moça, acho que me perdi de tanto tempo... Também vivo dela, da juçara que nasce por seus cantos úmido, da coleta de seus frutinhos para fazer porpa, e despois plantamo de novo as sementinhas. Quando abano os frutinho na penera, é como se acarinhasse eles. É vida na floresta...minha e das arvres, da palmera da juçara. (*olhar de mulher 7*).

Na mata o ar é outro, tem canto de passarinho, tem paz. Sinto a diferença. Mas só dei valor quando fui morar na cidade, lá para os lados de Taubaté, e depois voltamos. Aqui é melhor, apesar de mais longe, porque se tem qualidade de vida, temos amigos, a vida é mais simples. (*olhar de mulher 9*).

Org.: Solange T. de Lima Guimarães, 2013.

Ao refletirmos sobre suas histórias de vidas e a floresta, concordaram sobre a importância da palmeira juçara (*Euterpe Edulis*) no contexto ecológico e socioeconômico, associada à inserção da mão-de-obra feminina para a economia de suas comunidades; à relevância dos projetos voltados para combater o extrativismo ilegal do palmito, com a construção de viveiros de mudas; o aproveitamento do fruto (polpa da juçara); a introdução deste na culinária local e regional; melhoria da qualidade da nutrição e merenda escolar; movimentos para a organização de associações de

coletoras do fruto e produtoras de polpa, entre outras ações. Também foi lembrada por algumas das entrevistadas, a participação significativa das mulheres da comunidade nas atividades do “Projeto Semeando Sustentabilidade”, desde o período da colheita dos frutos da palmeira juçara (*Euterpe edulis*), com técnicas de escalada com segurança até o manejo adequado das mudas em viveiros.

Cabe informar que este projeto coordenado pela OSCIP AKARUI-Associação para Cultura, Meio Ambiente e Cidadania, vem sendo desenvolvido desde 2012, e tem como objetivos a recomposição florestal de 160 ha de áreas nos municípios de São Luiz do Paraitinga e Natividade da Serra, além da realização de oficinas e cursos de Agroecologia, compreendendo várias atividades, tais como o enriquecimento florestal de áreas do PESM-NSV (120 ha) e recuperação de matas ciliares em propriedades rurais do entorno (40 ha), além da capacitação de produtores visando à produção de mudas e sementes, implantação de manejo agroecológico de áreas agrícolas e formação de viveiros, elaboração de materiais didáticos e audiovisuais, palestras, dias de campo, entre outras. (AKARUI, 2012).

Quadro 4 - Propriedade na área de entorno do PESM-NSV, parceira do projeto “Semeando Sustentabilidade – Recuperação Florestal”, com o cultivo de viveiros de mudas nativas e de palmeira juçara, sob a responsabilidade de mão-de obra familiar feminina.

Fotografias: Solange T. de Lima Guimarães, 2014.

Seguindo a visão da multifuncionalidade e multidimensionalidade das paisagens, consideramos que estas ações e alternativas contribuem para a expansão das possibilidades de inserção socioeconômica destas comunidades e de obtenção de renda, consideradas as restrições legais, vinculadas às especificidades de cada categoria de unidades de conservação (áreas protegidas) de acordo com o SNUC (BRASIL, 2000), contribuindo para o desenvolvimento das áreas rurais adjacentes. Além disso, possibilitam o atendimento das demandas sociais efetivas e/ou potenciais, ainda que de modo incipiente, relacionadas a roteiros turísticos interativos, espontâneos ou dirigidos, no sentido da viabilização de vetores para o desenvolvimento territorial sustentável e solidário; concepção e implantação de políticas públicas; e seleção e adaptação de modelos de governança participativa e adaptativa pelas comunidades abrangidas (competências locais).

Entretanto, estes fatores devem ser avaliados minuciosamente, levando-se em conta as diversas configurações referentes ao desenvolvimento econômico local e regional e à proteção ambiental, com uma ênfase na identificação, utilização e valorização da multiplicidade de recursos naturais e culturais disponíveis nestas áreas. (OCDE, 2006).

No que tange às histórias de vida das mulheres participantes e seu envolvimento com as transformações atuais da paisagem do estudo, podemos afirmar que emergem não somente como mediadoras, mas como sujeitos proativos numa perspectiva pró-ambiental, liderando mudanças socioeconômicas em suas comunidades e interferindo ativamente nos processos de reabilitação, recuperação e revitalização da paisagem natural e cultural, consideradas as especificidades das variáveis disposicionais, situacionais e socioculturais que influenciam as realidades locais e regionais. A fala de “*olhar de mulher 3*” sintetiza o significado desta possibilidade efetiva de construção de uma nova realidade a ser vivenciada, e a consciência de ser responsável pelas mudanças socioecológicas:

Eu mudo tudo. Quero mudar todo o jeito que as pessoas faz há tanto tempo, sempre do mesmo jeito porque é mais fácil, mesmo quando fazem errado... Precisa de muita mudança mesmo, das pequeninhas e das mais grandes, para que este nosso mundo daqui seja mais bom, mais justo prá todas nós e nossos filhos nos próximos anos. Tenho que ser mão na massa, como você e a Maria. Assim responsável pelas mudanças que eu quero para mim, para a floresta, para minha gente. O Parque tá nessa!

4. REFLEXÕES SOBRE *OLHAR DE MULHER*

We cannot predict the future of our landscapes, but we can help shape their future.” (NAVEH, 2001, p. 270)

As questões de gênero na gestão ambiental envolvendo as mulheres têm sido uma das principais temáticas da atualidade no panorama internacional, seja na elaboração e implantação de programas e projetos participativos de educação ecológica concernentes ao manejo florestal comunitário, quanto ao uso sustentável dos recursos naturais e culturais, em especial, os denominados *commons*; como também por meio da participação permanente no delineamento de diretrizes de políticas públicas que abarquem preocupações pró-ambientais, tal como a legitimação, representatividade e autonomia das governanças comunitárias, correlacionadas estreitamente às distribuições das responsabilidades sociais e econômicas entre as comunidades.

Neste estudo, constatamos que elas reconhecem não somente suas necessidades e carências correlacionadas à qualidade de vida e ambiental, numa perspectiva ecológica, fundamentadas na experiência individual e coletiva, inerentes à proteção do PESM-NSV e das áreas de entorno como um espaço vivido, mas têm uma visão da necessidade crescente de realizarem trabalhos em parceria com outras comunidades e instituições públicas e privadas, de receberem informações fidedignas para a resolução de problemas, de aprenderem a negociar conflitos socioambientais

participando ativamente dos processos de tomada de decisões e governança, como igualmente de outras atividades de subsistência e geração de renda.

Entretanto, tais circunstâncias devem ser construídas de modo convincente, ao favorecermos ações alternativas direcionadas à sustentabilidade da paisagem florestal e à proteção dos seus recursos, incluindo suas estruturas e funções ambientais e paisagísticas, contribuindo para as oportunidades e escolhas, ao promoverem formas de inclusão e coesão sociais, bem como melhorias das condições socioeconômicas dos distintos segmentos de populações abrangidos. (EGAN, 2004). Ao analisarmos diversos aspectos envolvidos na percepção ambiental, faz-se necessário o estudo das realidades dos cenários presentes vivenciados pelas distintas comunidades, incluindo os cenários prospectivos, seja em relação às percepções derivadas da perspectiva experiencial individual e coletiva, bem como às tentativas de posicioná-las em marcos ou contextos histórico-culturais, tendo em vista que para Tuan (1980, p.137): “as imagens mudam à medida que as pessoas adquirem novos interesses e poder, mas continuam a surgir do meio ambiente: as facetas do meio ambiente, previamente negligenciadas são vistas agora com toda a claridade”.

Já sob a luz dos aspectos fenomenológicos e do interacionismo simbólico (GREIDER; GARKOVISH, 1994), a paisagem do PESM-NSV torna-se um ambiente de simbologias criado a partir de atos e “*entredades*” humanas, ao conferirem significados à Natureza e ao meio ambiente, refletindo auto definições e auto percepções em um dado contexto sociocultural. Por decorrência, as atenções foram dirigidas para as transformações efetivas e potenciais dos ambientes natural e cultural, de suas construções e imagéticas paisagísticas que, por sua vez, também refletem as vivências da comunidade feminina, propiciando reconstruções de seus lugares como respostas à evolução da própria compreensão de si mesmas e dos seus papéis sociais; às mudanças de suas definições pessoais, entre outros fatores de relevância na análise dos elementos tangíveis e intangíveis componentes desta paisagem, no que tange à qualidade ambiental e de vida, intimamente associadas.

Diante deste quadro, notamos ainda o desenvolvimento de seus mecanismos de resiliência diante do enfrentamento de condições nem sempre convenientes ou mais favoráveis, porém, as mulheres que participaram de nosso estudo, buscam manter a integridade dos seus próprios sistemas socioecológicos, dos quais *são e se sentem* partes, demonstrando familiaridade, sentido de pertinência e coesão referentes às paisagens e aos lugares, em seus valores intrínsecos e extrínsecos. Deste modo, no que diz respeito ao contexto de sustentabilidade de suas comunidades e os diversos desafios enfrentados diariamente nos campos socioeconômico, cultural, ambiental e pessoal, estas mulheres sobrevivem a diferenciadas crises, mesclando um ou mais campos, identificando em conjunto, de maneira solidária, os aspectos positivos e/ou negativos, traçando metas e ações, de

modo a influenciar transformações em seus próprios modos de vida e de trabalho. (FALLS BROOK CENTRE/CANADIAN FOREST SERVICES, s.d).

Associando os significados da multifuncionalidade e multidimensionalidade da paisagem ao conhecimento dos graus de resiliência de suas comunidades, podemos delinear estratégias para uma sustentabilidade ambiental que estejam mais adaptadas às suas percepções e modos de vida, recuperando sob uma perspectiva geoecológica, o significado do valor e da riqueza dos seus recursos paisagísticos, promovendo uma maior coesão socioeconômica e cultural, de modo que não sejam avaliados e/ou valorados de maneira separada, fragmentada, mas conjunta, indissociável, em profunda e complexa interdependência.

Estas perspectivas devem estar presentes tanto no delineamento e implementação de políticas ambientais protecionistas, como na gestão e manejo dos recursos naturais do PESM-NSV e do seu entorno, no desenvolvimento de ações integradas respectivas à mitigação e prevenção dos desequilíbrios ambientais e desigualdades socioeconômicas. Neste cenário, são justamente os aspectos culturais que têm um papel significativo ao contribuem para a conservação da paisagem florestal, abarcando os mecanismos de compensação e ajustamentos necessários das comunidades, de modo a garantir a coexistência da paisagem florestal e dos habitantes destas áreas, sob as pressões das contínuas e aceleradas transformações atuais, causadas pelas crescentes demandas da sociedade e seus múltiplos focos de interesses.

Neste ponto, estas mulheres contribuem com novas motivações, significações e imagéticas paisagísticas desde suas mundividências, ao compreenderem e reforçarem os laços com o PESM-NSV e entorno, como espaço e mundo vivido, e também com percepções e representações renovadas, mediante os filtros dos seus valores socioculturais e econômicos e o entendimento do significado de uma unidade de conservação enquanto patrimônio ambiental. Ao estabelecerem suas “*entreidades*” com o NSV, na recriação de suas próprias lembranças e histórias de vida, no viver de suas corporeidades, revelam uma transcendência no âmago das possibilidades e alteridades presentes no *conviver* e no *coexistir*, na visão de Buber (2004): *Eu-Tu*, como expressão das relações, e *Eu-Isso*, como das experiências: *Olhar de mulher e Paisagem/Floresta*.

AGRADECIMENTOS

Às pesquisadoras e amigas, Dra. Maria de Jesus Robim (IF-SP) e Dra. Juliana Marcondes Bussolotti (UNITAU), pelas aventuras florestais no NSV... Ao Eng. João Paulo Villani, gestor do PESM-NSV, pela cooperação e incentivo às pesquisas (efetivamente ele é a alma do NSV!). Aos meus orientandos: Arthur C. Jaulino, João Albano Pereira Cardoso de Faria, João Pedro Portezani, Pedro Vicente Moura Lazarim, Larissa Ikeda, Verna Liu. E às mulheres de Catuçaba e entornos do PESM-NSV, por compartilharem suas experiências e seus olhares sobre as paisagens...

REFERÊNCIAS

- AKARUI. **Semeando Sustentabilidade – Recuperação Florestal**, 2012. Disponível em: <<http://akarui.org.br/semeando-sustentabilidade-%E2%80%93-recuperacao-florestal>>. Acesso: 19-11-2014.
- BASTIDAS, J. A. G. **Percalços imagéticos às avessas do alfabetismo: a percepção da paisagem do centro de São Paulo**. Tese. (Doutorado em Geografia). 2013. Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro/SP, 2013.
- BRANDÃO, C. R. (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BRANDÃO, C. R. (Org.). **Repensando pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BRASIL. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Dispõe sobre o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, jul. 2000.
- BRASIL. **Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento. Resolução n. 44/228 da Assembleia Geral da ONU, de 22-12-89, estabelece uma abordagem equilibrada e integrada das questões relativas a meio ambiente e desenvolvimento: a Agenda 21**. Brasília: Câmara dos Deputados, Centro de Documentação e Informação e Coordenação de Publicações, 1995. Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/7706?show=full>>. Acesso: 27-10-2014.
- BUBER, M. **Eu e tu**. São Paulo: Centauro, 2004.
- BUSSOLOTI, J. M. **Construindo indicadores para a paisagem do Parque Estadual da Serra do Mar – Núcleo Santa Virgínia**. Tese. (Doutorado em Geografia). 2012. Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro/SP, 2012.
- BUTTIMER, A. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido, In: CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da geografia**. São Paulo: DIFEL, 1985a. p. 165-193.
- DARDEL, E. **L’Homme et la Terre: nature de la réalité géographique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.
- DE GROOT, R. S. **Functions of nature - evaluation of nature in environmental planning, management and decision-making**. Amsterdam: Wolters-Noordhoff, 1992.
- EGAN, J. **Skills for sustainable communities**. London: RIBA Enterprises, 2004.
- FALLS BROOK CENTRE/CANADIAN FOREST SERVICES. **Communautés Durables: Un guide sur l’inventaire d’atouts**. Knowlesville, New Brunswick: **Falls Brook Centre**, s.d. Disponível em: < http://fundymodelforest.net/cms/fr/uploads/file/FBC_Asset_Mapping_fr_0905.pdf >. Acesso: 13-10-2014.
- FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Almedina, 1980.
- GREIDER, T. e GARKOVISH, L. **Landscape: the social construction of nature and**

the environment. **Rural Sociology**, 59(1), 1-24, 1994. Disponível em <http://www.wsl.ch/info/mitarbeitende/hunziker/teaching/download_mat/Greider___Gar_kovitch_1994.pdf>. Acesso: 14-10-2014.

GUIMARÃES, S.T.L. Valoração de paisagens: campos de visibilidades e de significâncias, In: COSTA, E. B.; BRUSADIN, L. B.; PIRES, M. C. (Orgs.). **Valor patrimonial e turismo: limiar entre história, território e poder**. São Paulo: Outras Expressões, 2012, p. 45-59.

GUIMARÃES, S.T.L. Aspectos da percepção e valoração de paisagens do Núcleo Santa Virginia, Parque Estadual da Serra do Mar (SP), Brasil. **OLAM – Ciência & Tecnologia**, Rio Claro, Vol. 11, n. 2, julho/dezembro, 2011, p. 228-249. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/olam/article/view/5279>>

GUIMARÃES, S. T. de L. **Paisagens: aprendizados mediante experiências**. Um ensaio sobre interpretação e valoração da paisagem. 2007. Tese (livre-docência) 2007. – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro/SP, 2007.

ITTELSON, W.H. Environmental perception and urban experience. **Environmental and Behavior**, Sacramento, n.10, p.193-213, 1978.

ITTELSON, W. H.; PROSHANSKY, H. M.; RIVLIN, L. G.; WINKEL, G. H. **An introduction to environmental psychology**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1974.

JEAN, B. Do desenvolvimento regional ao *desenvolvimento territorial sustentável*: rumo a um desenvolvimento territorial solidário para um bom desenvolvimento dos territórios rurais. In: VIEIRA, P. F.; CAZELLA, A.; CERDAN, C.; CARRIÉRRE, J.P. (Orgs.). **Desenvolvimento territorial sustentável no Brasil: subsídios para uma política de fomento**. Florianópolis: APED: SECCO, 2010, p.49-76.

JODELET, D. Représentation sociale: phénomènes, concept et théorie. In: MOSCOVICI, S. (Org.). **Psychologie Sociale**. Paris: Presses Universitaires de France, 1984. p. 357-378.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. p. 17-44.

JODELET, D. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 679-712, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v24n3/04.pdf>>. Acesso: 13-09-2011.

LIMA, S. T. **Paisagens & Ciganos**. 1996. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro/SP, 1997.

LIMA-GUIMARÃES, S.T. de. Rotas de uma paisagem: algumas considerações preliminares sobre as estradas do Parque Estadual da Serra do Mar, núcleo Santa Virgínia, **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v.23, n.39, 2013, p. 83-97. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/4780>>. Acesso: 14-12-2014.

LIMA-GUIMARÃES, S.T. de. Trilhas Interpretativas e Vivências na Natureza: aspectos relacionados à percepção e interpretação da paisagem. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v.20, n.33, 2010, p. 8-19. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/1940>>. Acesso: 14-12-2014.

LOZATO-GIOTART, J-P. **Geographie du tourisme**. De l'espace regardé à l'espace consommé. Paris: Elsevier Masson, 2008.

MERLEAU-PONTY, M. **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MERLEAU-PONTY, M. **A natureza**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MILGRAM, S.; JODELET, D. Psychological maps of Paris. In: PROSHANSKY, H.; ITTELSON, W.; RIVLIN, L. (Orgs.) **Environmental psychology: people and their physical settings**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1976. p. 104-124.

NAVEH Z. Ecosystem and landscapes – a critical comparative appraisal, **Journal of Landscape Ecology**, Vol. 3, N. 1, 2010, p.64-81.

NAVEH, Z. **Transdisciplinary challenges in landscape ecology and restoration ecology**. Dordrecht: Springer, 2007.

NAVEH, Z. Multifunctional, self-organizing biosphere landscapes and the future of our total human ecosystem. **World Futures**, **60**, p. 469-503, 2004. Disponível em: <<http://www.technion.ac.il/technion/agr/members/naveh/Multifunctional%20Selforganizing%20Biosphere%20Landscapes.pdf>>. Acesso em: 30-11-2011.

NAVEH, Z. Ten major premises for a holistic conception of multifunctional landscapes. **Landscape and Urban Planning** **57**, p. 269-284, 2001. Disponível em: <<http://tx.technion.ac.il/~znavah/files/Landscape%20Ecology%20Theory%20and%20Global%20Applications/Ten%20major%20premises%20for%20a%20holistic%20conception%20of%20multifunctional%20landscapes.pdf>>. Acesso: 30-11-2011.

NAVEH Z. Introduction to the theoretical foundations of multifunctional landscapes and their application in transdisciplinary landscape ecology, In: BRANDT, J.; TRESS, B.; TRESS, G. **Multifunctional Landscapes: Interdisciplinary Approaches to Landscape Research and Management**. Roskilde, Denmark: Centre for Landscape Research, University of Roskilde, 2000a. Disponível em: <<http://tx.technion.ac.il/~znavah/files/Landscape%20Ecology%20Theory%20and%20Global%20Applications/Introduction%20to%20the%20Theoretical%20Foundations%20of%20Multifunctional%20Landscapes%20and%20their%20Application%20in%20Transdisciplinary%20Landscape%20Ecology.pdf>>. Acesso: 18-11-2012.

NAVEH, Z. The total human ecosystem: integrating ecology and economics, **BioScience**, Washington, v. 50, n. 4, p. 357-361, 2000b.

NAVEH, Z.; LIEBERMAN, A.S. **Landscape Ecology: theory and applications**. 2a. ed. New York: Springer, 1994

ORGANISATION DE COOPÉRATION ET DE DÉVELOPPEMENT ÉCONOMIQUES – OCDE. Réinventer la politique rurale. **Synthèses de l'OCDE**, 2006. Disponível em: <<http://www.joaquinolona.com/wp-content/uploads/2013/01/OCDE.-R%C3%A9inventer-la-Politique-Rurale.pdf>> Acesso: 18-11-2014.

ROUGERIE, G.; BEROUTCHACHVILI, N. **Géosystemes et paysages: bilan et methodes**. Paris: Armand Colin, 1991.

ROSENAU, J. N. Governança, ordem e transformação na política mundial. In: ROSENAU, J. N. ; CZEMPIEL, E.-O. **Governança sem governo: ordem e transformação na política mundial**. Brasília: Ed. Unb e São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000, p. 11-46.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente. **Resolução Uso Público da Secretaria do Meio Ambiente nº 59 de 27 de agosto de 2008**. Regulamenta os procedimentos administrativos de gestão e fiscalização do uso público nas Unidades de Conservação de proteção integral do Sistema Estadual de Florestas do Estado de São Paulo, e dá outras providências, 2008b. Disponível em: <http://www.ambiente.sp.gov.br/legislacao/estadual/resolucoes/Resolucao_SMA_59_2008.pdf>

SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente. Instituto Florestal – IF. **Parque Estadual da Serra do Mar - Plano de Manejo**. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente / Instituto Florestal, 2006a.

SÃO PAULO (Estado). **Decreto nº 51.453, de 29 de dezembro de 2006**, que institui o Sistema Estadual de Florestas – SIEFLOR. 2006b. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/92176/decreto-51453-06-sao-paulo-sp>>. Acesso: 14-12-2014.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente. Instituto Florestal. **Planos de Manejo das Unidades de Conservação - Parque Estadual da Serra do Mar – Núcleo Santa Virginia**. Plano de Gestão Ambiental – fase 1/Secretaria do Meio Ambiente/Coordenadoria de Informações Técnicas, Documentação e Pesquisa Ambiental. Instituto Florestal, Fundação Florestal, 1998.

SÃO PAULO (Estado). **Decreto Estadual nº 10.251, de 30 de agosto de 1977**. Cria o Parque Estadual da Serra do Mar e dá providências correlatas, 1977. Disponível em: <http://sigam.ambiente.sp.gov.br/sigam2/repositorio/etmc/decreto_10251_77.htm>. Acesso: 14-12-2012.

SELMAN, R. L. **The growth of interpersonal understanding**. New York: Academic Press, 1980.

SIMSON, O. R. de M. Von Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, n. 6, 2003, p.14-18. Disponível em: <http://www.fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/57/63>. Acesso: 07-07-2014.

SIMSON, O. R. de M. Von. **Os desafios contemporâneos da história oral**. Campinas: Centro de Memória da Unicamp, 1997.

TORRES, M. R. 17.02.2012 · Mujeres tejiendo la paz: Vandana Shiva. **Periodismohumano**, 17.02.2012. Disponível em: <http://periodismohumano.com/mujer/vandana-shiva.html>> . Acesso: 30-11-2014.

TUAN, Y-F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

TUAN, Y-F. **Landscape of fear**. Oxford: Basil Blackwell, 1979.

TUAN, Y-F. **Space and place:** the perspective of experience. Minneapolis: University of Minnesota, 1977.